

ESTREADA NO CARNAVAL NUMA NOVA E ADULTERADA REVISÃO PARA PORTUGAL DE 2019

FÍGADOS DE TIGRE



UMA
COMÉDIA
ÉPICA EM
4 ACTOS



1 // A Imperatriz sozinha na floresta teme pelo seu futuro
2 // Pedro o Crú tenta explicar a geneologia da família a FdT

Nota: Esta legenda pode não ajudar na identificação das imagens

OSQUATROVENTOS
COMPANHIA DE TEATRO



Fígados de Tigre, “a novela das novelas”, é provavelmente a maior comédia do teatro Português e provavelmente a menos representada. Será talvez pelos quatro actos estarem recheados com 62 personagens, 3 coros e 25 canções... Um épico novelesco absurdo sobre a viagem ao Inferno do Fígados de Tigre - o imperador de um país desgraçado - para pedir perdão por um crime que cometeu...

Esta criação de Gomes de Amorim, assenta na «mentira, (...) brinco e riso», abre com Pedro (que só pode ser o Pedro Crú, «filho de pais incógnitos», integrando a lista de «Pessoas» e não de personagens), invertendo a elevação filosófica e poética na trivialidade quotidiana, e com o próprio FdT a deplorar **«o primeiro inventor de melodramas e mais bugiarias teatrais»** para assumir um estereótipo neurótico facilmente identificado pelas plateias:

«(...) Depois que se descobriu esse rival do chouriço de sangue, não há segurança nem no interior das famílias! Até em sua casa se vê um homem obrigado a andar acautelado, espreitando que não se lhe meta alguém debaixo das camas! Para evitar ataques imprevistos não uso portas nem janelas visíveis no meu palácio (...).»



A

DES "GRAÇA"

APANHAR O FIO À MEADA



Estreada no Carnaval de 1857, em Lisboa no Teatro D. Maria II, num inesperado desvio às peças ultra-românticas onde **"as mães de família não iam para o teatro sem provisão de lenços para enxugar os olhos durante os esfaqueamentos dos galãs, e sem bolos para fazer calar as crianças assustadas com o berreiro dos tiranos"**. Esta peça marcada pela coragem dos temas, prenunciou o Teatro do Absurdo 50 anos antes do "Rei Ubu" de Alfred Jarry.

Tal como Gomes de Amorim retrata a realidade social de Lisboa do século XIX, usando referências directas a pessoas e lugares de Lisboa do século XIX, a CT4V decide embarcar numa adaptação para a Portugal'2019, com personalidades nacionais e canções que nos definem hoje. Uma viagem delirante pelo absurdo que é reconhecido mesmo em cena:

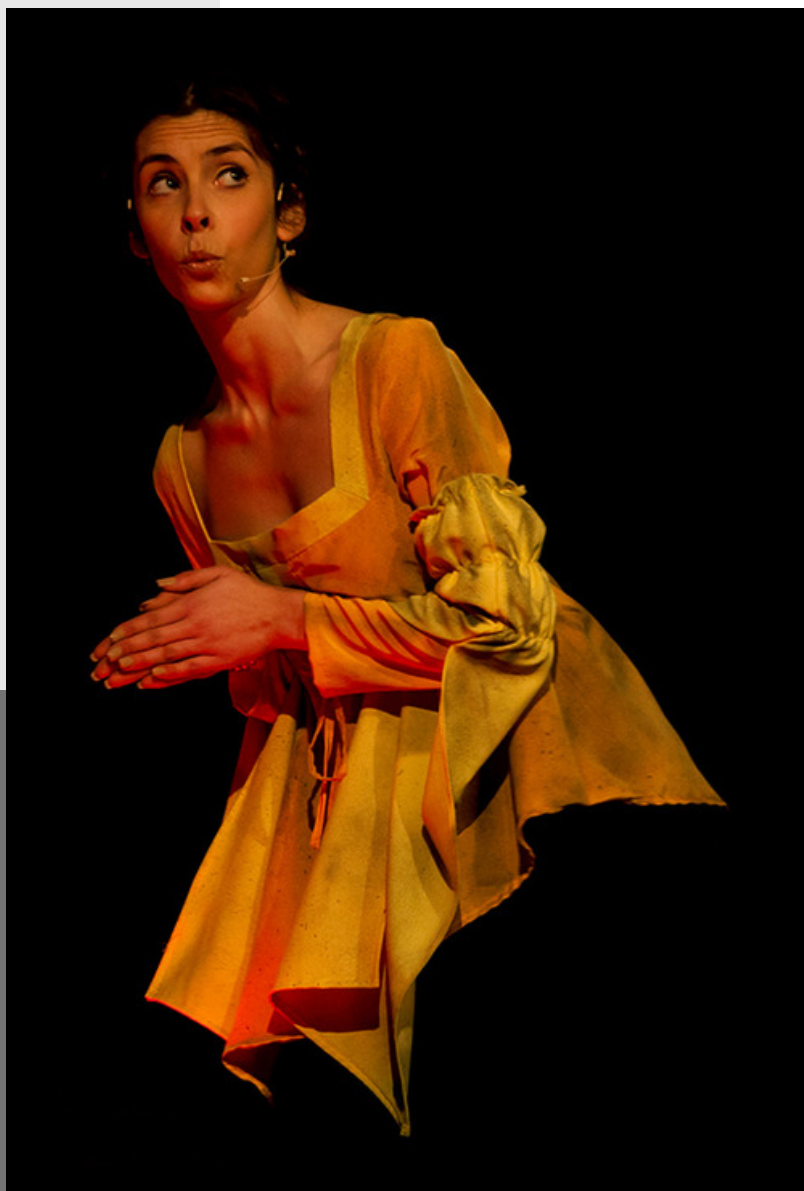
"o enredo vai-se complicando de tal modo, e vão-me aparecendo tantos e tais parentes, que estou em risco de chegar a não saber quem sou!". Portanto não se admire se não apanhar "o fio à meada" porque é mesmo para se perder com gargalhadas em cenas carnavalescas de faz-de-conta.

O "ABSURDO" EM GOMES DE AMORIM

ANÁLISE DE
DUARTE IVO CRUZ

Gomes de Amorim marcou a sua época na dupla qualidade de dramaturgo típico do ultra-romantismo e de dedicado amigo e biógrafo de Almeida Garrett. Mas para a nossa época e para a nossa cultura teatral, é mais relevante a insólita incursão que, em 1857, faz no que hoje chamaríamos de "teatro do absurdo" com os "Fígados de Tigre - Paródia dos Melodramas ou O Melodrama dos Melodramas", verdadeira prefiguração de uma *charge* bem contemporânea do próprio ultra-romantismo que o autor, em mais de dez peças hoje esquecidas, afincadamente cultivou.

Também não se diga que se trata de uma "paródia" no sentido de farsa ou imitação burlesca, quase circense, que naquele tempo foi habitual nos nossos palcos, a par das "mágicas", por exemplo. E isto, apesar do autor, sobretudo no prefácio da edição, que é de 1869, se auto-justificar relativamente àquele desvio surreal dos melodramas habituais. Esse prefácio justificativo lembra que a peça foi estreada no Carnaval, a pedido do actor Epifânio Aniceto Gonçalves. Mas acrescenta, numa base de elogio ao Epifânio, que **"sabia tomar o pulso às multidões e cujo talento levou muitas vezes adiante do seu tempo, (pelo que) profetizava que o único acepipe de que estas se tornariam gulosas seriam peças sem senso comum"...**



Ora bem: este "non-sense" profético das farsas trágicas absurdas de Beckett e Ionesco, aparece vazado no ritmo alucinante da troça aos dramalhões que os "Fígados de Tigre" contem. São 62 personagens e mais alguns integrantes de um coro. As denominações e caracterizações, e a própria escolha dos personagens também é Absurdo: temos o protagonista, Fígados de Tigre, "Imperador de um país desgraçado"; Golias, que "não se sabe quem é"; Pai Tomás, "preto que teve uma cabana"; Orfeu, "grande artista em gaita-de-foles"; Cervantes, "autor iludido" e D. Quixote "seu filho"; Caronte "catraeiro no outro mundo"... Todos se enfrentam e se degladiam, numa rivalidade assumida em conflitos que redundam na mais descabelada das farsas!



De tal forma que a certa altura, o absurdo é reconhecido mesmo em cena: "o enredo vai-se complicando de tal modo, e vão-me aparecendo tantos e tais parentes, que estou em risco de chegar a não saber quem sou!" diz um personagem. Ou Pedro Cru, "filho de pais incógnitos": "por ti, Elisa, por ti... / Porque depois que te vi / nunca mais me conheci / e não sei o que senti / Aqui! / Ai de mi! / Sofri, / Carpi / Gemi / Vivi Morri / Mas não fugi" / De ti / Kikirikiki!..." Assim mesmo!

Trata-se efectivamente de uma intuição da própria essência do teatro do absurdo, na perspectiva do desenvolvimento lógico de um ponto de partida ilógico. Há algo de semelhante no "Victor ou as Crianças no Poder" de Roger Vitrac: só que esse texto também profético foi estreado em Paris em 1938. Esta modernidade, em meados do Século XIX, no Teatro Nacional D. Maria II, é de facto no mínimo singular!



E repita-se: vai completamente ao arripio da dramaturgia do próprio Gomes de Amorim. O autor justifica-se, já vimos, com a quadra carnavalesca e com a intuição fársica do actor que lhe encomendou o texto. Mas também vai reconhecendo que a cultura teatral em que se inscreve a sua própria dramaturgia também deveria ser vista com algum distanciamento irónico e algo complacente.



Se a peça teve sucesso, diz o autor, foi porque "o público aplaudia os disparates"! Ora, diremos agora, só esta peça resistiu à abundante dramaturgia de Gomes de Amorim!

A MÚSICA TEATRAL E A CONVERSÃO

Numa sucessão galopante de quadros e cenas absurdas, por vezes de puro nonsense a música está sempre presente e intervém com 51 números. Algumas inserções compõem-se de música original destinada, nomeadamente, a “ilustrar”, à maneira dos dramas e melodramas parodiados, cenas agitadas ou atmosferas lúgubres ou melancólicas. Mas o grosso é feito de música originária de outros contextos: por um lado, paródias de árias, duetos, trios e coros provenientes de dezoito óperas; por outro, o recurso a números de música teatral de duas peças e duas zarzuelas; por fim, a abundância de músicas populares como fados, lunduns, canções e uma chula minhota.

Tratando-se de uma peça de teatro que toma o próprio teatro como objecto – e que o autor se esquivaria a categorizar dizendo “Não sei se é paródia; se farsa ou comédia; creio que tem de tudo um pouco”–, Fígados de Tigre opera como um verdadeiro espelho de aumento onde convergem as seguintes tipologias musicais:

- Música original, usada em todos os géneros sem excepção, para preencher requisitos específicos da acção;*
- Música originária, utilizada sobretudo em farsas, paródias e revistas, com o recurso a excertos parodiados de óperas ou de músicas de outras peças teatrais;*
- Música popular de origem rural ou urbana, usada sob a forma de paródia, citação, ou composição “à maneira de”, presente em todos os géneros para integrar situações muito diversificadas.*

Por Isabel Maria Gonçalves > Tese de Doutoramento em Ciências Musicais

Nos 6 meses que antecederam o início dos ensaios a CT4V uniu-se em sessões de dramaturgia para encontrar personagens, locais e em especial músicas que hoje pudessem ser apreciadas pelo público da mesma forma que os espectadores do Teatro Nacional da Lisboa de oitocentos puderam experienciar.

Tendo em conta a colocação minuciosa de cada estilo e o cuidado de não alterar a letra e rima construídas para as diversas árias de ópera escolhidas por Gomes de Amorim encontramos sinais de parentesco entre os mais improváveis familiares dos tops nacionais e internacionais das últimas três décadas.

A lista de canções para este Fígados de 2019 conta com: “Living For Love” – Madonna; “Ficarei” – Anjos; “Dialeto De Ternura” – Maria Leal; “Diamonds” – Rihanna; “The Imperial March” – Star Wars; “Amar Pelos Dois” Salvador Sobral; “Whenever Wherever” – Shakira; “Como o Macaco gosta de banana” – José Cid; “Depois De Ti Mais Nada” – Tony Carrera; “Afiml Havia Outra” – Mónica Sintra; “Jardins Proibidos” – Paulo Gonzo; “Bem Na Sua Cara” – Anitta & Pablo Vittar; “Wrecking Bal” – Miley Cyrus; “Coração Não Tem Idade” – Toy; “Anda Comigo Ver Os Aviões” – Azeitonas; “Canção De Embalar” – Zeca Afonso; “Já Não Sou Bebé” – Romana; “Womanizer” – Britney Spears; “Garota De Ipanema” – Tom Jobim; “O Que Faz Falta” – Zeca Afonso; “Zadok the priest/LigaUEFA” Handel; “Paparazzi” – Lady Gaga; “Play-Back” – Carlos Paião; “Pedra Filosofal” – Manuel Freire.

QUEM FAZ ACONTECER

Texto Francisco Gomes de Amorim

Dramaturgia Bruno Bernardo, Cátia Ferreira, ,
Isménia Leite, Luís Magalhães, Marlene Meireles,
Marta Costa, Pedro Ribeiro, Sara Azevedo, Teresa
Pinto

Encenação, Cenografia, Figurinos Pedro Ribeiro

Desenho de Luz Pedro Alves (Tulipa)

Desenho de Som Eduardo Machado

Intérpretes Ana Filipa Rocha, Andreia Brandão,
Ângela Jesus, Alda Machado, Bárbara Correia, Bruno
Bernardo, Diana Ferreira, Fátima Fontes, Filipe Silva,
Joaquim Bessa, José Magalhães, Luís Magalhães,
Mafalda Canhola, Magda Mendes, Marlene Meireles,
Marta Costa, Marta Rosas, Pedro Sousa, Raquel
Serdoura, Ricardo Leite, Rosa Nunes, Sara Azevedo,
Teresa Pinto.

Produção Companhia de Teatro Os Quatro Ventos

Produção Executiva Isménia Leite

Edição, Montagem de som Francisco Rebelo

Operação de som Eduardo Machado

Operação de luz Pedro Alves (Tulipa)

Construção de cenografia e adereços Joaquim
Ribeiro, Joaquim Bessa, Francisco Rebelo

Montagem eléctrica cenográfica Francisco Rebelo

Confecção de Figurinos Ana Baltar, Claudina Dias,
M^a José Ribeiro

Construção de Adereços de Figurinos Isménia
Leite, M^a José Ribeiro (bordados)

Design gráfico Moritz Stiefel

Patrocinadores Megadone Som, Luz, Imagem |
Joaquim Ribeiro Construção Civil **Padrinhos** Clínica
de São Bento **Amigos** Grupo ADI **Benfeitores**
Juntas de Freguesia de St Tirso, J.Alves Oficinas,
Rarial Confecções, Restaurante Kanimambo, Padaria
Lino, Agência Valdemar **Apoios** A CT4V é uma
associação apoiada pela CMST e pela AHBVT
(amarelos) **Agradecimentos** Andrade & Amaro
Malhas e Confecções Lda, Carlos Fernandes e Silva
Lda, Loja Gourmet Wine House Portugal | Artis
Mobiliário

VISITE-NOS em

[www . teatroosquatroventos . wordpress . com](http://www.teatroosquatroventos.wordpress.com)

